

EDITORIAL

Escatologia, morte e vida na Bíblia

Este número de estudos bíblicos está dedicado a levantar questionamentos e reflexões sobre assuntos que se referem à morte, ressurreição, vida pós-morte e expectativas escatológicas. As perguntas abordadas aqui se relacionam com o tema dos fins dos tempos, das expectativas de futuro, das coisas finais, das realidades últimas do destino humano. Estas perguntas são formuladas a partir de situações e momentos quando os limites entre a vida e a morte se entrecruzam, se mesclam, se envolvem. Há formas diferentes de se aproximar destes temas. Uma possibilidade é racionalizar as expectativas de futuro e aproximá-lo, numa tentativa de controlá-lo, encapsulá-lo numa perspectiva do aqui e já. Ou aproximações que podem ser de diferentes ênfases: individual, coletiva ou cósmica. Também há a possibilidade de entender a escatologia como horizonte comunitário numa fecundante e dinâmica relação entre história e futuro ou escatologia.

Entender escatologia como horizonte significa abrir o conceito, significa inserir a esperança em movimento, em dinamicidade, a caminho. Há uma inter-relação energética entre céus e terra, entre tempo e história. Por muitos tempos, os caminhos bíblicos latino-americanos de leitura popular enfatizaram a dimensão da história, do presente, do aqui como lugar de atuação e presença da esperança. Refletir sobre perguntas fundamentais e existenciais das realidades últimas do ser humano não significa abandonar o caminho da história, da perspectiva presente da salvação. Significa sim, ampliar, abrir e auscultar caminhos e possibilidades que levantam preocupações muito concretas e cotidianas das nossas realidades e contextos. A morte e o que há depois, a esperança e a expectativa das coisas finais são questões que povoam o imaginário cotidiano das pessoas e influenciam na forma como articulam a sua organização social, política e econômica. Organizar a esperança ou depositá-la em forças do além, ou ainda empurrá-la para tempos do além, são caminhos ou horizontes possíveis resultantes das construções e concepções escatológicas.

Para iniciar esta conversa, um texto que provoca novas definições das realidades finais do ser humano. *Nancy Cardoso Pereira* escreve a partir da profecia que se articula em meio ao caos, quando as escolhas já se esgotaram. De crianças que são comidas e reinados que se colocam como últimos Nancy nos desafia: *Escatologia: flores e fezes. Uma leitura da parábola de 2Rs 6,24-31.*

Seguimos as reflexões com *Norberto Cunha Garin*, que nos oferece uma abordagem que instrumentaliza e alimenta a esperança do povo pela via escatológica nos tempos do exílio propondo re-criar tudo de novo para que a vida seja viabilizada de novo. Seu artigo intitula-se: *A re-criação como realização da plenitude escatológica em Is 65,17-25.*

Seguindo o contexto do profeta Isaías, *Humberto Maiztegui Gonçalves* percorre os capítulos centrais do livro profético resgatando a partir de um texto que se constrói coletivamente, em mosaico, a revelação de uma utopia popular da transformação social. O artigo recebe o título de: *Novos horizontes para a práxis transformadora (escatologia e utopia nos capítulos centrais de Trito-Isaías)*.

O livro de Eclesiastes é lugar de estudo para *Erica Luisa Ziegler*. De uma aproximação a partir do senso comum, a acomodação diante da realidade de morte poderia ser uma interpretação ligeira deste livro. Contudo, o desafio do estudo revela uma esperança apesar da morte e a sabedoria seria saber viver apesar de tudo e da aparente falta de sentido da vida. Seu texto: *Morte e vida após a morte. O que diz o livro do Eclesiastes*.

O fim dos tempos continua sendo abordado por *Julio Paulo Tavares Zabatiero*. A sua reflexão articula o que se chamou de “fim da história” e a esperança presente na literatura apocalíptica em Daniel. A resistência e esperança em relação ao poder opressor e os seus limites é desenvolvida na apocalíptica. O artigo desenvolve a idéia que *O fim da história é o fim dos impérios. Sonhos e visões do fim – Daniel 7*.

Entramos para o NT com uma abordagem do tema no evangelho de João. *Ramiro Mincato* pergunta pela forma como a escatologia desenvolvida no quarto evangelho é direcionada para a história. Essa forma de abordar as realidades últimas promove uma dinâmica que aproxima o céu e a terra e tem implicações para o jeito de dizer a cristologia. Seu texto: *Escatologia no quarto evangelho: o reino já chegou*.

Seguimos nosso itinerário sobre as coisas do fim com o estudo de *Marga J. Stroher*. A esperança e a resistência escatológicas com ênfase na firmeza da fé, amor e apelo para o consolo e encorajamento mútuo como experiência da comunidade cristã é tema deste texto que alerta para *Cuidado com os que proclamam paz e segurança – eis que virá destruição e dor. Uma escatologia da resistência em 1ª Tessalonicenses*.

Finalizamos com um panorama nos textos judaicos dos primeiros séculos da era comum, que são trabalhados por *Emilio Voigt*. Sua reflexão mostra a diversidade de compreensão e expectativas acerca dos acontecimentos futuros. Os escritos mostram que não há uma uniformidade nas expectativas messiânicas deste período. Seu texto disserta sobre: *Messias e Reino de Deus. Aspectos da expectativa escatológica em escritos judaicos dos séculos 2 aC a 1 dC*.

Desejamos boa leitura e boas reflexões sobre o fim, as realidades últimas, a morte, a ressurreição, enfim, sobre estes temas que são tão cotidianos e tão presentes em todos os tempos, que determinam imaginários, organizações e formas de articular esperanças e sonhos.

Elaine Gleci Neuenfeldt
Organizadora deste número
elainenf@terra.com.br